

9 A revolução é o freio de emergência - atualidade político-ecológica de Walter Benjamin¹⁹⁶

Walter Benjamin foi um dos raros marxistas a propor, antes de 1945, uma crítica radical ao conceito de “exploração da natureza” e sua relação “criminosa” com a civilização capitalista. Desde 1928, na obra *Rua de mão única*, Benjamin denuncia a ideia de dominação da natureza como um discurso “imperialista” e propõe uma nova definição da técnica como “domínio das relações entre natureza e humanidade”.

Como em escritos dos anos 1930, dos quais falaremos adiante, Benjamin se refere às práticas das culturas pré-modernas para criticar a “ganância” destrutiva da sociedade burguesa em sua relação com a natureza. “Dos mais antigos usos dos povos parece vir a nós como uma advertência: na aceitação daquilo que recebemos tão ricamente da natureza, guarda-nos do gesto da avidez”. Deveríamos “mostrar um profundo respeito” pela “mãe natureza” [*terre nourricière*].

Se um dia “a sociedade, sob o efeito da desgraça e da avidez, estiver desnaturada a ponto de somente receber os dons da natureza pelo roubo [...] seu solo empobrecerá e a terra trará más colheitas”. Parece que esse dia chegou...

¹⁹⁶ Publicado em “Walter Benjamin, précurseur de l'écosocialisme”, in *Cahiers d'Histoire*, 130/2016, p. 33-39.

B, utilizado para “racionalizar” o genocídio, ou que suas fábricas utilizariam, aos milhares, a mão de obra dos prisioneiros dos campos de concentração. Contudo, único entre todos os pensadores e dirigentes marxistas desses anos, Benjamin teve a premonição dos monstruosos desastres que a civilização industrial-burguesa em crise poderia produzir.

Embora rejeite as doutrinas do progresso inevitável, Benjamin propõe uma alternativa radical ao desastre iminente: a utopia revolucionária. As utopias, os sonhos de um futuro diferente, escreve ele em “Paris, capital do século XIX” (1935), nascem em íntima associação com os elementos de uma história primeva (*Urgechichte*), “isto é, uma sociedade sem classes”, primitiva. Depositadas no inconsciente coletivo, essas experiências do passado “em interação recíproca com o novo, fazem nascer a utopia”.¹⁹⁹

Em um ensaio de 1935 sobre Johann Jakob Bachofen, antropólogo suíço do século XIX conhecido por suas pesquisas sobre o matriarcado, Benjamin desenvolve mais concretamente²⁰⁰ essa referência à pré-história. Se a obra de Bachofen fascinou tanto os marxistas (notadamente Friedrich Engels) e os anarquistas (como Élisée Reclus), é por sua “evocação de uma sociedade comunista na aurora da história”, uma sociedade sem classes, democrática e igualitária, com formas de comunismo primitivo que significavam uma verdadeira “subversão do conceito de autoridade”.

As sociedades arcaicas também são caracterizadas por uma maior harmonia entre os seres humanos e a natureza.

199 W. Benjamin, “Paris, die Hauptstadt des XIX. Jahrhunderts”, 1935, *Gesammelte Schriften* (GS). Francfort/Main: Suhrkamp, 1977, Bd. V, 1, p. 47.

200 W. Benjamin, “Johann Jakob Bachofen (1935)”, em *Gesammelte Schriften*. Berlim: Suhrkamp, 1977, v. II, t.1, p. 220-230.

Em seu livro inacabado sobre as arcadas parisienses, *Passagens*, Benjamin se opõe novamente e de modo mais enérgico às práticas de “dominação” e “exploração” da natureza pelas sociedades modernas. Uma vez mais, elogia Bachofen por ter mostrado que a “concepção criminosa (*mörderisch*) de exploração da natureza”, concepção capitalista/moderna predominante a partir do século XIX, inexistia nas sociedades matriarcais do passado, nas quais a natureza era percebida como uma mãe generosa (*schenkende Mutter*).²⁰¹

Não se trata, para Benjamin – nem para Engels ou Éli-sée Reclus, aliás – de voltar ao passado pré-histórico, mas de propor a perspectiva de uma *nova harmonia* entre a sociedade e o ambiente natural. A seus olhos, o pensador que melhor encarna essa promessa de reconciliação futura é o socialista utópico Charles Fourier.

Somente em uma sociedade socialista, na qual a produção deixará de se fundar na exploração do trabalho humano, “o trabalho se despe de seu caráter de exploração da natureza pelo homem”. Ele seguirá o modelo do jogo infantil, que em Fourier é a base do “trabalho apaixonado” dos “harmonianos”: “Um trabalho animado pelo jogo não visa à produção de valores, e sim ao melhoramento da natureza. [...] Numa terra cultivada a partir dessa imagem [...] a ação iria de mãos dadas com o sonho”.²⁰²

201 W. Benjamin, *Das Passagen-Werk*, GS VI, 1, p. 456. (Ed. brasileira: *Passagens*. Organização de Willi Bolle; colaboração na organização de Olgária C. F. Matos; tradução do alemão de Irene Aron; tradução do francês de Cleonice Paes Barreto Mourão; revisão técnica de Patrícia de Freitas Camargo; posfácios de Willi Bolle e Olgária C. F. Matos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018).

202 *Ibidem*, p. 376-377.

perdido do qual fomos afastados pela tempestade que chamamos de “progresso” e a sociedade sem classes na aurora da história: entre a era messiânica do futuro e a nova sociedade sem classes do socialismo.

Como interromper a catástrofe permanente, o acúmulo de ruínas “até o céu” que resulta do “progresso” (Tese IX)? Uma vez mais, a resposta de Benjamin é religiosa e profana: isso é tarefa do messias, cujo “correspondente” profano não é outro senão a revolução. A interrupção messiânica/revolucionária do progresso é a resposta de Benjamin às ameaças que a continuidade da tempestade maligna e a iminência de novas catástrofes fazem contra a humanidade. Estamos em 1940, a alguns meses do início da Solução Final.

Nas *Teses Sobre o conceito de história*, Benjamin se refere várias vezes a Marx, mas num ponto importante ele se distancia criticamente do autor d’*O Capital*: “Marx disse que as revoluções são a locomotiva da história mundial. Talvez as coisas se apresentem de outra maneira. Pode ser que as revoluções sejam o ato pelo qual a humanidade que viaja nesse trem puxa o freio de emergência”.²⁰⁴

Implicitamente, a imagem sugere que se a humanidade permitir que trem siga seu caminho – já traçado pela estrutura de aço dos trilhos – e se nada detiver sua progressão, nós nos precipitaremos diretamente em direção ao desastre ou ao abismo.

Entretanto, nem mesmo Walter Benjamin, o mais pessimista dos marxistas, poderia prever a que ponto o processo de exploração e dominação capitalista da natureza – e sua cópia burocrática nos países do Leste antes da queda do

Muro de Berlim – conduziria a consequências desastrosas para toda a humanidade.

Alguns comentários sobre a atualidade político-ecológica das reflexões de Benjamin.

Neste começo do século XXI, assistimos a um “progresso” cada vez mais acelerado do trem da civilização capitalista na direção do abismo, um abismo denominado “catástrofe ecológica” e que tem, nas mudanças climáticas, sua expressão mais dramática. É importante considerar a aceleração crescente do trem, a velocidade vertiginosa com a qual se aproxima do desastre.

De fato, a catástrofe já começou e nós nos encontramos numa corrida contra o tempo para tentar impedir, conter e parar essa fuga futura, cujo resultado será a elevação da temperatura do planeta – e entre outras consequências, a desertificação de territórios imensos, a elevação do nível do ar, o desaparecimento de grandes cidades litorâneas: Veneza, Amsterdam, Hong Kong, Rio de Janeiro.

Uma revolução é necessária, escreveu Benjamin, para frear essa corrida. Ban Ki-Moon, secretário das Nações Unidas, que não tem nada de revolucionário, fez o seguinte diagnóstico no jornal *Le Monde* em 5 de setembro de 2009: “nós”, referindo-se, sem dúvida, aos governantes do planeta, “enfiamos o pé no acelerador e nos precipitamos para o abismo”.

Walter Benjamin escolheu a metáfora da “tempestade” para representar o progresso destrutivo que acumula catástrofes. O mesmo termo está no título do último livro de James Hansen, climatologista da Nasa e um dos maiores especialistas em mudança climática no mundo: *Tempestade*

dos meus netos: mudanças climáticas e as chances de salvar a humanidade. Hansen também não é um revolucionário, mas a análise que faz da “tempestade” – que para ele, como para Benjamin, é a imagem de algo bem mais ameaçador – é de uma lucidez impressionante.

A humanidade conseguirá acionar o freio revolucionário? Cada geração, escreve Benjamin nas Teses de 1940, recebeu uma “frágil força messiânica”: a nossa também. Se não a utilizarmos “antes de um momento quase calculável da evolução econômica e social, tudo estará perdido” – para usarmos a fórmula do “aviso de incêndio” de Benjamin em 1928.

Com raras exceções, temos pouco a esperar dos governantes do planeta. A única esperança são os movimentos sociais reais, entre os quais um dos mais importantes hoje é o das comunidades indígenas, em particular na América Latina. Após o fracasso da Conferência das Nações Unidas sobre o Clima em Copenhague, reuniu-se em 2010, em Cochabamba na Bolívia, a Conferência Mundial dos Povos sobre Mudanças Climáticas e Direitos da Mãe Terra (Pachamama), convocada pelo presidente Evo Morales, que se solidarizou com os protestos de rua na capital dinamarquesa.

As resoluções adotadas em Cochabamba correspondem, quase termo a termo, ao argumento de Benjamin sobre o tratamento criminoso que a civilização ocidental capitalista dá à natureza – enquanto as comunidades tradicionais a consideram uma “mãe generosa”.

Walter Benjamin foi um profeta. Não daqueles que dizem prever o futuro, como o oráculo grego, mas no sentido dado pelo Antigo Testamento: aquele que chama a atenção do povo para as ameaças futuras. Suas previsões são condicionais: “é isso o que acontecerá, a menos que...”, “exceto se...”

Nenhuma fatalidade: o futuro permanece aberto. Como afirma a Tese XVIII *Sobre o conceito de história*, cada segundo é a porta estreita pela qual pode vir a salvação.